

(ENTRE)LINHAS DE UMA PESQUISA: *o Diário de Campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (Auto)biográfica*

*Rita de Cássia Magalhães de Oliveira*¹

Resumo: Este trabalho é um recorte que integra uma pesquisa realizada em uma comunidade rural-quilombola no distrito de Matinha dos Pretos na cidade de Feira de Santana-Ba. A investigação vincula-se ao Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral (GRAFHO) do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (PPGEduC/UNEB). Na pesquisa, a escola foi/é pensada como espaço constituído por sujeitos sociais que trazem nas suas histórias de vida os diversos traços da história e cultura(s) do seu lugar. Por isso, é preciso (re)pensar como as práticas cotidianas da escola lidam com a diversidade cultural, que aflora neste ambiente institucionalizado ou, melhor dizendo: quais e como as culturas se encontram e são (re)produzidas neste espaço? De que maneira são (re)construídos os fenômenos da(s) cultura(s) daquele espaço no cotidiano da escola como mecanismo identitário dos sujeitos sociais? O objetivo central da pesquisa consistiu na análise e compreensão das formas pelas quais a(s) cultura(s) de uma comunidade rural-quilombola são (re)construídas nas práticas cotidianas da escola. O recorte aqui apresentado tematiza questões sobre a utilização do diário de campo como um dispositivo de (in)formação no campo da pesquisa (auto)biográfica, através das narrativas dos colaboradores. O diário de campo configura-se como um dispositivo de registro das temporalidades cotidianas vivenciadas na pesquisa, ao potencializar a compreensão dos movimentos da/na pesquisa e das diversas culturas inscritas no cotidiano da comunidade e da escola estudada.

Palavras-chave: Diário de campo; Pesquisa (Auto)biográfica; Narrativas.

¹ Mestra em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia. Professora da SEC-Ba. E-mail: rcmagal@yahoo.com.br

Catar feijão se limita com escrever: joga-se os grãos na água do alguidar e as palavras na folha de papel; e depois, joga-se fora o que boiar.

Certo, toda palavra boiará no papel, água congelada, por chumbo seu verbo: pois para catar esse feijão, soprar nele, e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

Ora, nesse catar feijão entra um risco: o de que entre os grãos pesados entre um grão qualquer, pedra ou indigesto, um grão imastigável, de quebrar dente.

Certo não, quando ao catar palavras: a pedra dá à frase seu grão mais vivo: obstrui a leitura fluviente, flutual, açula a atenção, isca-a como o risco.

(MELO NETO, 2002, p. 23)

(Entre)linhas iniciais

Como as palavras têm magia, vamos nos apropriar da metáfora de Melo Neto (2002), para criar outra metáfora (se é que a estrutura da língua permite), que, neste momento, possibilita pensar na relação entre “catar feijão”, pesquisar e escrever. Então, pediremos “autorização” ao autor do poema e à estrutura da língua para comparar o “catar feijão” com o processo metodológico de uma pesquisa.

Ao comparar o catar feijão com o ato de escrever, o poeta nos diz que esse processo passa pela escolha, catar e escrever são atos muito próximos (mas não são iguais), que ocorrem no fazer cotidiano de quem cozinha feijão (e pretende que só tenha feijão) e de quem escreve (e quer evitar um som desagradável nas/das palavras). O ato de pesquisar no/do/com o cotidiano pode ser também comparado com o “catar feijão”, portanto, é sempre um ato de escolha.

Quando nos envolvemos com processos de pesquisa, estamos sempre fazendo escolhas, motivadas por diversos fatores, mas estamos sucessivamente escolhendo, principalmente nas pesquisas de abordagem qualitativa (isto não anula as outras abordagens) que envolvem o campo empírico dos sujeitos sociais. A escolha do objeto, a metodologia, os instrumentos de coleta de informações, os sujeitos envolvidos, as formas de análise, a escrita, tudo se desenvolve em caminhos a serem

escolhidos/trilhados com o rigor científico necessário (GALLEFI, 2009) às pesquisas na contemporaneidade.

Desta forma, entre tantas escolhas e análises sobre essas escolhas, o percurso de investigação da(s) cultura(s) do/no/com cotidiano de uma comunidade rural-quilombola e suas relações com as práticas escolares levou-nos a escolher o diário de campo como um dispositivo de registros e interlocuções da/na pesquisa. Assim, construímos o diário de campo para ser o lugar de registro dos movimentos, das leituras, dos tempos, espaços e das observações que ocorrem/ocorreram, enfim, do que na escola e comunidade vimos, ouvimos e vivemos. Para Demo (2012):

[...]. O analista qualitativo observa tudo, o que é ou não dito: os gestos, o olhar, o balanço, o meneio do corpo, o vaivém das mãos, a cara de quem fala ou deixa de falar, porque tudo pode estar imbuído de sentido e expressar mais do que a própria fala, pois a comunicação humana é feita de sutilezas, não de grosserias. Por isso, é impossível reduzir o entrevistado a objeto. (DEMO, 2012, p. 33)

Ao dialogar também com as palavras de Demo (2012) acerca das questões concernentes ao processo de pesquisa, vamos reafirmando que esse é um trabalho que nos colocou/coloca enquanto pesquisadores/as em ações de descrever, revelar, explicar, interpretar a(s) cultura(s) de uma comunidade e as relações sociais observadas/estudadas. De acordo com Geertz (2008), a descrição deve ser densa para diferenciar as expressões, espaços, tempos, saberes e regras de um grupo social, interpretando melhor os significados culturais. Assim, fomos/vamos entendendo a importância de utilizar o diário de campo como instrumento de/nas descrições/anotações da investigação/pesquisa.

Neste caminho de buscas, passamos a entender que a prática do diário de campo como instrumento de registro de informações na/da pesquisa científica ainda é recente, embora sua existência, enquanto instrumento de registro de acontecimentos pelos sujeitos sociais, seja anterior ao uso científico. Ao dialogar com os estudos de Alaszewski (2006), Zaccarelli e Godoy (2010) apontam-nos que o uso

do diário esteve ligado a determinadas condições como, por exemplo, existência da linguagem escrita (habilidade desenvolvida por alguns grupos), recursos técnicos como papel e tinta, entre outros fatores. Elas ainda apontam que:

Os diários surgem tanto na Europa quanto no Japão por volta do século X. Pelo fato de as habilidades de escrita nesta época serem restritas, os diários foram inicialmente elaborados por membros de elites – como o caso da corte japonesa ou do clero anglo-saxão. Quando o uso da escrita e os meios técnicos se expandiram, os depoimentos escritos regularmente com caráter pessoal também se ampliaram. Assim, por volta do século XVII, inúmeros documentos desse tipo foram criados, não apenas por religiosos e nobres, mas por cientistas, arquitetos e outros. (ALASZEWSKI, 2006 *apud* ZACCARELLI; GODOY, 2010, p. 01)

Para além da historicidade apresentada por Zaccarelli e Godoy (2010), quanto ao uso do diário de campo, é possível entender que foi no século XIX que este dispositivo passou a ser utilizado por determinadas ciências/pesquisadores, principalmente por este ser um século fecundo² para o surgimento de novas ciências. Entretanto, sua utilização nos séculos XX e XXI foi/é feita nos diversos campos e aspectos de pesquisa que perpassam pela Psicologia, Serviço Social, História, Antropologia, Sociologia, Educação entre outras.

Ao buscar vizinhanças e aproximações com o uso do diário de campo por alguns/mas pesquisadores/as, encontramos discussões que foram relevantes para entendermos as possibilidades que se estabeleceram/estabelecem entre o diário como lugar de registros das observações e as pesquisas de abordagem qualitativa de cunho (auto)biográfico.

Na pesquisa que dá origem às discussões presentes nesse texto, as narrativas de vida que foram gravadas em áudio e vídeo precisaram/precisavam de anotações da “descrição das pessoas, objetos, lugares, atividades, acontecimentos e conversas”

² Para melhor entender sobre essa fecundidade que possibilitou o surgimento de muitas das ciências modernas, faz-se necessário entender as consequências provocadas pelas Revoluções Francesa e Industrial (Século XVIII), e todo contexto de mudanças posterior, tanto para a Europa, quanto para os outros lugares do planeta (e para além dele).

(BOGDAN; BIKLEN, 1994), dos registros dos saberes práticos, experiências e contextos que emergiram nas entrevistas narrativas da comunidade, dos professores/professoras e das *imagens narrativas* com o Grupo de Discussão formado por alunos/alunas. Para Bertaux (2010):

[...], a narrativa de vida pode constituir um instrumento importante de extração dos saberes práticos, com a condição de orientar para a descrição das experiências vividas pessoalmente e dos contextos nos quais elas se inscrevem. Isto significa orientar as narrativas de vida através da forma que nós propusemos chamar de “narrativas de práticas”. (BERTAUX, 1976 *apud* BERTAUX, 2010, p. 29)

Esses saberes práticos estiveram/estão presentes nessa relação cotidiana que se estabelece, neste “mundo da vida” (HABERMAS, 2003), das experiências vividas. Foi a descrição dessa relação (além de outras questões) que se transformou em registros/escritos do diário.

A descrição, que aos poucos foi sendo articulada a partir das diversas reflexões, trazia particularidades que estavam para além de “simples” anotações no diário de campo. Nela, pulsavam elementos que biografavam os *sujeitos praticantes* (CERTEAU, 2012) nos seus mais variados movimentos cotidianos, tanto na comunidade, quanto nos espaços da escola. Para Araújo *et al.* (2013):

[...], o diário tem sido empregado como modo de apresentação, descrição e ordenação das vivências e narrativas dos sujeitos do estudo e como um esforço para compreendê-las. [...]. O diário também é utilizado para retratar os procedimentos de análise do material empírico, as reflexões dos pesquisadores e as decisões na condução da pesquisa; portanto ele evidencia os acontecimentos em pesquisa do delineamento inicial de cada estudo ao seu término. (ARAÚJO *et al.*, 2013, p. 54)

Ao estabelecer vizinhança com o dispositivo metodológico – diário, utilizado no trabalho desenvolvido por Araújo *et al.* (2013) nas pesquisas realizadas com histórias de vida em saúde, vamos percebendo que o diário de campo/pesquisa³

³ As autoras fazem opção por denominar o diário de campo como diário de pesquisa. Para tanto, elas justificam a questão como uma escolha do significado que o mesmo tem nas pesquisas

apresenta inúmeras possibilidades de utilização que envolvem a abordagem qualitativa de cunho (auto)biográfico. Nele, podem ser registradas tanto as perspectivas que o/a pesquisador/a tem ao iniciar a pesquisa como as diversas teias que envolvem cada momento, do campo de pesquisa/lócus ao diálogo com os escritos que emergiram das diversas observações.

Nosso caminho de escolha buscou aproximações com o trabalho de Macedo (2010), quando aponta que o diário:

Além de ser utilizado como instrumento reflexivo para o pesquisador, o gênero diário é, em geral, utilizado como forma de conhecer o vivido dos atores pesquisados, quando a problemática da pesquisa aponta para a apreensão dos significados que os atores sociais dão à situação vivida. O diário é um dispositivo na investigação, pelo seu caráter subjetivo, intimista. (MACEDO, 2010, p. 134)

Esse caráter intimista e subjetivo do diário de campo indicado por Macedo (2010) permitiu/permite-nos observar e apreender os significados das situações vividas pelos sujeitos da pesquisa. Ainda no caminho das aproximações, Bogdan e Biklen (1994) indicam-nos que:

[...], as notas de campo consistem em dois tipos de materiais. O primeiro é descritivo, em que a preocupação é captar uma imagem por palavras do local, pessoas, ações e conversas observadas. O outro é reflexivo – a parte que apreende mais o ponto de vista do observador, as ideias e preocupações. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 152)

Não intencionamos fazer uma espécie de cartilha nem receituário para os pesquisadores que se interessarem em usar, discutir, concordar ou discordar desse texto aqui apresentado. Nossa intenção é mostrar o caminho trilhado por uma pesquisa que teve/tem sua âncora metodológica na abordagem qualitativa de cunho (auto)biográfico, mas permitiu que essa âncora se aportasse em possibilidades de pesquisa que foram apresentadas por outras tantas ciências nos seus diversos

desenvolvidas por elas. Para melhor entendimento dessa escolha, sugerimos a leitura completa do trabalho em que dialogamos para essa escrita.

dispositivos metodológicos. Na pesquisa, faz-se necessário recorrer a enfoques “multi/inter/transdisciplinar” (GATTI; ANDRÉ, 2011) desde que se mantenham os afastamentos, as vizinhanças e as aproximações do rigor científico possíveis na contemporaneidade.

No diário, foi registrado aquilo que ouvimos, vimos, sentimos e experienciamos no trabalho de campo. Algumas anotações foram registradas ainda no cenário da atividade da pesquisa, outras eram realizadas no trajeto do território rural para o território urbano ou eram efetivadas no espaço de casa, algumas horas depois da atividade de campo. A memória foi um dispositivo biológico essencial para esses registros; por isso, apenas alguns detalhes podiam ficar para serem registrados no outro dia (uma escolha da pesquisadora). Havia aspectos que o gravador e o vídeo não captavam. Cheiros, sabores, olhares, sorrisos, gestos corporais, impressões e comentários, ditos antes e depois da entrevista narrativa ou Grupo de Discussão (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Para organizar alguns registros, foi criado um roteiro/tabela que teve como base os estudos e orientações de Bogdan e Biklen (1994, p. 163-165) sobre notas de campo. Esta criação oportunizou uma fluidez na leitura e interpretação de algumas questões que foram significativas para a análise e escrita do texto final. Esse roteiro/tabela foi sistematizado da seguinte forma:

Tabela 01

ASPECTOS DESCRITIVOS DAS ANOTAÇÕES DO DIÁRIO DE CAMPO ⁴	
ASPECTOS	DESCRIÇÃO
1. Retratos do sujeito	Aparência física, formas de vestir, estilo de falar e agir, maneiras de ser.

⁴ As Entrevistas Narrativas foram realizadas com pessoas da comunidade, professores e professoras. O Grupo de Discussão foi composto por alunos e alunas matriculados no 8º e 9º anos do ensino fundamental. Alguns aspectos colocados na tabela foram diferenciados tanto nas anotações das Entrevistas Narrativas como no Grupo de Discussão. Cada tabela utilizada representou apenas um roteiro de organização das anotações. Em nenhum momento, elas foram elaboradas e utilizadas desconectadas dos movimentos da pesquisa. A organização e utilização das tabelas teve a fluidez necessária para entender os movimentos dos sujeitos sociais no âmbito da pesquisa.

2. Reconstrução do diálogo	Conversas privadas do sujeito que estão para além das narrativas da/na entrevista.
3. Descrição do espaço físico	Desenhos, croquis, fotografias do espaço, dos móveis, das paredes, das janelas e portas, elementos nas paredes, etc.
4. Relato de acontecimentos particulares	Quem esteve no local da entrevista, de que maneira esteve, como se envolveu.
5. Descrição das atividades	Descrição detalhada dos comportamentos, olhares, gestos, etc.
6. O comportamento do observador	Este é um aspecto que não pode ser deixado de lado. Aqui o/a pesquisador/a como parte integrante da pesquisa deve anotar seu comportamento, suas impressões, suposições, enfim tudo que possa intervir nas informações coletadas, conseqüentemente na análise e escrita da pesquisa.

Tabela 02

ASPECTOS REFLEXIVOS DAS ANOTAÇÕES DO DIÁRIO DE CAMPO	
ASPECTOS	ESCRITOS
1. Reflexão sobre a análise	Temas que emergiram, conexões entre eles, o que aprendeu, pensamentos acerca das questões que surgem, etc.
2. Reflexão sobre o método	Procedimentos e estratégias utilizadas, decisões tomadas no plano de estudo.
3. Reflexões sobre conflitos e dilemas éticos	Nessa parte, é preciso pensar e elaborar questões sobre a ética nas pesquisas com seres humanos, fazer análise entre o documento apresentado como proposta ética da pesquisa e os caminhos tomados pelo/a pesquisador/a.
4. Reflexões sobre o ponto de vista do observador	Refletir sobre as ideias preconcebidas do/a pesquisador/a acerca dos sujeitos envolvidos na pesquisa – colaboradores/as.
5. Pontos de classificação	Adicionar, corrigir e dimensionar as anotações que foram feitas anteriormente.

(Entre)linhas do campo: os aspectos descritos reveladores e (des)veladores de alguns matizes da pesquisa

Muitos dos aspectos da pesquisa que foram registrados no diário de campo potencializaram a compreensão dos movimentos inscritos no cotidiano dos sujeitos da comunidade e da escola. Para Bertaux (2010), “Na pesquisa de campo o

pesquisador tem o cuidado de, antes de tudo, abrir seus olhos, seus ouvidos, sua inteligência e sua sensibilidade ao que poderá lhe ser dito ou mostrado. [...]” (p. 39).

A sensibilidade, inteligência, visão e audição (BERTAUX, 2010) necessárias no/na pesquisador/a mostraram detalhes que foram registrados no diário de campo. Desta forma, fomos/vamos entendendo a relevância do diário como dispositivo de (in)formação da pesquisa e do/da pesquisador/a que trabalha com narrativas de vida, relatos orais, biografias e (auto)biografias.

Nos três grupos⁵ de colaboradores/participantes da pesquisa⁶, as anotações do diário de campo apontavam descrições sobre o sujeito. Nos aspectos descritos que foram intitulados de “retratos dos sujeitos”, foi/é possível perceber a maneira de vestir e estilo de falar⁷ dos/as colaboradores/as (sem visão hierárquica) ligadas aos contextos vivenciados. Essa maneira de falar e se posicionar, que foi registrada no diário de campo, pôde também ser percebida na narrativa docente, dos/as alunos/as e da comunidade. No excerto abaixo, a narrativa docente retrata o estilo de falar dos/as alunos/as quando diz:

Há, traços muito fortes, muito carregados, a gente sente certa firmeza na maneira deles falarem, que é bem característico daqui, de como se a vida, a vida deles fosse assim de batalha mesmo, de batalha, de busca, de conquista diária e eles têm isso no sangue e acho que isso tem a ver também com a postura do samba, da dinâmica do samba, eles trazem essa dinâmica no corpo e na própria fala, no vocabulário deles, eu percebo isso muito, muito mesmo.

Então eu acho que eles trazem muitas expressões do vocabulário deles, do cotidiano da Matinha que ficam evidentes, além do sotaque natural daqui, que eu acho bem interessante, o sotaque da Matinha, então eles trazem muitas expressões, expressões de gírias, parece que é algo bem da Matinha mesmo, como: “eu vou – eles dizem – eu vou escotar, dar uma escotada em você”, coisas desse tipo e muitas outras expressões que a gente percebe claramente. (Lá – docente, Entrevista Narrativa, 2013)

⁵ Para melhor compreender o objeto dessa pesquisa – a relação que se estabelece entre a(s) cultura(s) de uma comunidade rural-quilombola e as práticas cotidianas da escola desse território, os colaboradores/participantes foram constituídos por sujeitos da comunidade, professores/professoras e alunos/alunas (que viviam/vivem as relações e práticas da comunidade e da escola).

⁶ Pesquisa desenvolvida entre os anos de 2012-2014 no Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia – PPGEduC – UNEB. Linha de pesquisa II: Educação, Práxis Pedagógica e Formação do Educador, vinculada ao Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral – GRAFHO. Orientador da pesquisa: Prof. Dr. Elizeu Clementino de Souza.

⁷ Nesse sentido, optamos por escrever/grafar as palavras conforme eram pronunciadas pelo sujeito, sem fazer a correção na norma culta da língua materna.

Essa narrativa docente (além das narrativas dos outros participantes) permitiu que as observações da pesquisadora fossem analisadas numa conjunção entre as notas de campo e as narrativas gravadas. Nos aspectos descritivos anotados no diário que mostravam “os relatos de acontecimentos particulares”, foi possível perceber uma questão que ocorreu em duas entrevistas com os/as participantes da comunidade. Tanto na entrevista com Dó⁸, como com Mi, estiveram presentes pessoas da família, que se tornaram coparticipantes. Tanto as participações das mesmas como o comportamento da observadora para essa mudança de roteiro transformaram-se em notas de campo.

As anotações durante as entrevistas narrativas foram marcadas por comentários acerca dos olhares e gestos em que mãe e filha narravam as produções culturais da comunidade. Os olhares, gestos e palavras expressavam as lembranças das mesmas no que se refere às modificações/traduições dos festejos que distinguem/distinguem duas gerações. Nesse sentido, as narrativas de Dó e Ré mostram sobre uma manifestação cultural da comunidade – “Rei Roubado”, onde as lembranças, apontavam/apontam para temporalidades distintas:

- Rei roubado é assim:

- A gente junta o grupo. A gente pega, tipo assim, em Quixabeira tem o samba de roda. A gente pega, e chama o povo da Quixabeira tudo para um samba. A gente junta um monte de mulher, um monte de homem, a gente compra o guaraná no coletivo, tudo no coletivo.

- Compra biscoito, compra a merenda e bota tudo embaixo do braço e vai dizer assim: “onde é que a gente vai roubar o rei?”

- A gente vai para a casa de Ré. Mas, Ré não sabe. Ré tá aqui dormindo - tá com a casa toda fechada. Ah, a gente vem, devagarzinho, meia-noite!

- Um monte de gente. Um pessoal com timbau, com tambor.

- É, a gente vem a pé. Quando a gente chega na porta, a gente começa - cantam, e batem palmas:

- “Ô lê quem bateu atrás na porta/ ô lê levanta pra ver quem é.”

- “Ô lê quem bateu atrás na porta/ ô lê levanta pra ver quem é/ ô lê levanta pra ver quem é”

⁸ Os nomes fictícios dados pela pesquisadora aos sujeitos colaboradores/participantes da pesquisa correspondem a uma nota musical. A nota Sol será acompanhada por uma numeração, pois ela representa os catorze alunos e alunas que participaram do Grupo de Discussão. A confidencialidade/sigilo dos nomes civis dos sujeitos participantes, atende aos preceitos éticos de pesquisa com seres humanos.

- *O violão, enquanto não abre a porta, não para de cantar. Tem que abrir.* (Ré comunidade, Entrevista Narrativa, 2013)

- *Os donos da casa acorda.* (Dó - comunidade, Entrevista Narrativa, 2013)

- *Mas, não pode abrir a porta, não!*

- *A gente canta, a gente loba todo mundo da casa.*

- *“Ô lê, lovo a Dó, ô lê lovo a Ré/ô lê, porque tem merecimento”.*

- *Canta o reis todo. Quando terminar de cantar o rei, que fala assim:*

- *“Ô abre a porta e a janela”.*

- *Os donos da casa já vai e abre a porta e a janela.* (Ré - comunidade, Entrevista Narrativa, 2013)

- *Agora, antes dele abrir a porta, ele tava dormindo e, provavelmente, ele bota uma roupa e tudo que tava na sala, ele tira. Por quê?*

- *Porque quando abre a porta, todo mundo invade a casa, e samba até a hora que quiser.* (Dó - comunidade, Entrevista Narrativa, 2013)

- *Os donos da casa samba até a hora que quiser.* (Ré - comunidade, Entrevista Narrativa, 2013)

- *Samba, mas a gente leva tudo!* (Dó - comunidade, Entrevista Narrativa, 2013)

- *Leva o café, leva o lanche* (Ré - comunidade, Entrevista Narrativa, 2013)

- *Quem rouba o rei, vai preparado, porque o dono da casa não está preparado.*

- *Antigamente, os povo cozinhava comida e levava as panela na cabeça.*

- *É, no tempo de mainha. No meu tempo, era cafezinho mesmo.*

- *O rei robado. Chamado o rei robado. Muito bom! Eu vivi muito isso. Nos meus 15 anos.*

- *Aqui na Matinha!* (Dó - comunidade, Entrevista Narrativa, 2013)

- *Eu vivi isso, nos meus 15, nos meus 14 anos, eu vivi muito isso. Era: vai ter rei robado, hoje! Era uma festa! rei robado é uma festa!*

- *E aí, a gente aproveitava para namorar. Sabe o bom do rei robado?*

- *Os povo lá embaixo dos pés de cajueiro namorando. Era ótimo!* (Ré - comunidade, Entrevista Narrativa, 2013)

Participar da entrevista narrativa, gravando-a e depois fazer a retranscrição⁹, poderia possibilitar a realização da análise e escrita da pesquisa. Contudo, é na nota de campo, grafada no diário, que muitas questões se evidenciaram como, por exemplo, essa percepção de uma produção cultural da comunidade que se transformou diante de questões que marcam o tempo dos sujeitos, onde as vozes se

⁹ O termo “transcrição” pode significar a ação de transcrever ou o seu resultado. Para evitar confusões, designamos aqui (por convenção) a ação de transcrever como “retranscrever” e “retranscrição”, reservando o termo “transcrição” ao texto resultante (grifo do autor). (BERTAUX, 2010, p. 90)

completam – e se distanciam nas memórias do “mesmo” evento. Os detalhes contados eram acompanhados nos gestos das mãos, dos braços, dos olhos, tudo isto foi colocado como nota no diário.

Fazer as anotações que descreviam os espaços físicos possibilitam entender significados e sentidos que paredes, cores, telhados, janelas, bancos, cortinas e fotografias (retratos) representavam para um determinado grupo. Em uma das entrevistas, o espaço físico era marcado por folhinhas¹⁰ e fotografias (para a entrevistada, retrato). Os “retratos” nas paredes de amigos e pessoas da família – alguns/mas já não estavam vivos/as – mostravam que: “Aquilo que é essência da cultura, o poder de tornar presentes os seres que se ausentaram do nosso cotidiano” (BOSI, 2008, p. 25). Se o gravador não captava aqueles sentidos e significados, eles foram escritos no diário de campo.

Nos momentos de trabalhar com os aspectos reflexivos (conforme explicitado na tabela apresentada para dinamizar a compreensão e sistematização da pesquisa), foi possível identificar pontos que emergiram na/da pesquisa, a exemplo do samba de roda, das festas religiosas, das relações étnico-raciais, do significado do trabalho de crianças e jovens naquela comunidade, da liderança feminina na agricultura de subsistência, além de outras questões.

Muitos registros do trabalho com o Grupo de Discussão no diário de pesquisa foram realizados durante e depois dos encontros na escola¹¹. Entretanto, por ser bastante extensivo e intenso, foi necessário desenvolver uma percepção que guardasse na memória os detalhes e movimentos dos sujeitos no cotidiano de suas vidas. Nesses momentos, os registros em vídeo auxiliavam a evocação da memória na busca pelo “processo de construção de sentido” (FERNANDES, 2002, p. 26). Este foi um movimento que buscava/buscou não registrar as notas de forma

¹⁰ Calendário impresso em folhas de papel, contendo imagens para cada dia ou mês do ano, indicação para as rezas diárias dos religiosos, receitas, causos, anedotas, piadas, santo do dia, fases da lua, etc.

¹¹ Alguns encontros com o Grupo de Discussão foram realizados em eventos religiosos da igreja, roda de samba na praça do distrito, além dos movimentos realizados no pátio da escola pesquisada.

compartimentada, era preciso trazer à cena da imagem filmada, a experiência vivida. A intensidade do trabalho com o Grupo de Discussão estava/esteve marcada principalmente por três relevantes pontos. Primeiro, por ser um grupo formado por 14 alunos e alunas com idades entre 13 a 17 anos. Segundo, porque realizamos muitos encontros¹² marcados previamente e outros que aconteceram de acordo como as demandas da busca pela compreensão do objeto de pesquisa. Terceiro, porque este grupo trazia probabilidades de compreendermos a relação mais próxima entre a(s) cultura(s) da comunidade e as práticas cotidianas da escola. Alunos e alunas formavam o grupo de sujeitos colaboradores da pesquisa, que viviam mais profundamente essa experiência. Uma das anotações do diário de campo que citava em sua temática as relações étnico-raciais vividas por aqueles sujeitos na comunidade, e na escola, foi fundamental para entendermos a dimensão do que representava esta questão para aquele grupo. Assim, eles/elas narram:

- *Quer ver uma coisa bizarra? Os professores em geral, acham que porque eu sou da Matinha, tenho a idade de 15 anos, Não tenho vida nenhuma.* (Sol 1, Grupo de Discussão, 2013)

- *[...], tem a discriminação, tem o preconceito, só porque a gente é negro, vai trabalhar em casa de pessoa branca, vai engravidar cedo, não vai estudar, vai ser faxineira, babá. [...].*

- *Até da minha mãe eu já escutei isso, por acreditar no que a maioria das pessoas falam." "Que você não vai se formar, não vai ter diploma." "Que vai ser aquela negra, vai trabalhar no fundo de cozinha, não vai ter um diploma", já escutei muito isso, principalmente da minha mãe.* (Sol 13, Grupo de Discussão, 2013)

¹² Desde que o trabalho de campo foi iniciado com o Grupo de Discussão, agendamos os encontros, previamente acordados com alunos e alunas, com autorização do pai, mãe ou responsável, além da permissão da gestão da escola. Todos os encontros foram marcados no diário de campo. Contudo, os movimentos do mundo da vida dos sujeitos que vivem e estudam neste território rural – distrito rural de Matinha dos Pretos, na cidade de Feira de Santana-Ba – propiciaram alterações nesta agenda inicial. A agenda marcada no diário de campo passou por adequações, adaptações e alterações para atender a compreensão dos sentidos e significados das festas religiosas, do samba de roda, da bata de feijão, da fabricação da casa de farinha, da cooperativa feminina de produção de polpa de frutas. Visitas aos domingos, feriados, nos finais de tarde e à noite foram necessárias. Nesse movimento, a morte/falecimento de membros da comunidade constitui-se como motivo de reorganização dessa agenda. Os encontros eram suspensos se houvesse morte/velório de membros da comunidade. Assim como as atividades na/da escola (ao fazer leitura da pesquisa para além do recorte apresentado neste texto, o leitor vai entender o significado e sentidos que esses sujeitos dão a dimensão da morte. A ancestralidade quilombola é evidenciada nessa relação).

Os excertos acima apresentam as narrativas captadas pelo gravador. Contudo, as notas do diário de campo trazem a entonação de voz, olhares e gestos de Sol 1. Dessa maneira, tornou-se possível perceber e entender que havia indignação na forma de falar da narradora sobre aquela questão. Na sequência do mesmo diálogo, Sol 13 gesticula para o grupo, narrando um discurso do lugar que historicamente foi construído para mulher negra, pobre e moradora dos espaços rurais (e para além dele) e afirma que a família, neste caso representada pela figura da mãe, carrega no discurso aquilo que foi cunhado como “verdade social” para com os/as subalternizados/as negros/as. E quando ela narra “Porque tem muita gente que já escutou isso, eu tenho certeza que você já escutou isso da sua mãe” (Sol 13, Grupo de Discussão 2013), fica registrado no diário de campo que, nesse momento, os gestos e outros movimentos corporais, indicam que se faz necessário buscar mudanças para os processos de discriminação que atingem os jovens (crianças, adultos e idosos) negros na sociedade brasileira e se presentificam nas relações daquela comunidade e das práticas cotidianas da/na escola. Assim, os demais participantes do Grupo de Discussão, em movimentos no/do corpo, concordam com a questão levantada na narrativa.

Entre as questões que optamos por escrever como nota de campo, uma das mais difíceis foi/é a escrita do comportamento/atuação do/a pesquisador/a, observador/a. Estes são momentos de anotações em que o/a pesquisador/a (auto)biografa seus movimentos, comportamentos e (re)ações. Nessa parte, ficam registrados impressões, suposições, estranhamentos, rejeições, desapontamentos e encantamentos com os percursos da pesquisa. Esse é um lugar em que o cuidado é fundamental para não fazermos a “autocensura” que engessa nossos passos. Ao fazer a (auto)biografização no diário de campo acerca dos caminhos/trajetos e momentos da/na pesquisa, temos a possibilidade de interpretar a nós mesmos/as. Segundo Geertz (2008): “Uma boa interpretação de qualquer coisa – um poema, uma pessoa, uma estória, um ritual, uma instituição, uma sociedade – leva-nos ao cerne do que nos propomos interpretar” (GEERTZ, 2008, p. 13).

(Entre)linhas finais

Ao escrever as (entre)linhas finais desse texto, penso naquilo que Clifford Geertz (2008) nos diz: “O etnógrafo ‘inscreve’ o discurso social: ele o anota. Ao fazê-lo, ele o transforma de acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente” (GEERTZ, 2008, p. 14).

O diário de campo foi, nesta pesquisa, um dispositivo de (in)formação, uma ferramenta de trabalho/pesquisa que permitiu/permite a consulta nos arquivos das ideias que nele estavam grafadas. Sua utilização precisa ser “disciplinada”, enquanto pesquisadores/as não podemos deixar as anotações para serem feitas em uma temporalidade *Cronos* muito distante do fato/evento/entrevista/visita, etc. realizado no campo da pesquisa. Na maioria das vezes, fica incompatível, observar, conversar, entrevistar e fazer as notas de campo ao mesmo tempo, em alguns momentos pode causar desconforto para os/as participantes/colaboradores/as. Aprender a criar notas mentais e termos à mão um pequeno bloco para anotarmos as palavras chaves, é um recurso de grande ajuda.

Durante o período que estamos no campo da pesquisa, devemos utilizar os momentos em que ficamos esperando o/a colaborador/a - entrevistado/a - participante (devemos cumprir os horários marcados com os sujeitos ou grupos participantes da pesquisa, chegando preferencialmente com antecedência para verificarmos as condições do local, organização técnica, das ideias - repassando nosso roteiro, e reconfigurando os imprevistos).

Os trajetos para o campo de pesquisa, quando fazemos em transportes públicos, são também um bom espaço para anotações (escrevi algumas notas nos

trajetos que fiz; utilizei, na maioria das vezes, o transporte¹³ que levava/leva os professores/professoras da sede para o distrito e vice-versa).

A escrita das notas de campo no diário de pesquisa demanda tempo cronológico, atenção, calma e persistência. Tais características são essenciais para uma tarefa que exige cuidado para as reflexões e análises da/na pesquisa.

Este dispositivo também foi o lugar de anotações das imagens – vídeos, desenhos e fotografias feitas por alunos e alunas durante a pesquisa e para a pesquisa.

As diversas perspectivas do diário de campo nesta pesquisa não esgotam as possibilidades de utilização do mesmo como dispositivo para diferentes pesquisas e pesquisadores/as. Outras perspectivas podem surgir para a ampliação do seu uso, ou não. É indispensável lembrar que, embora seja um dispositivo técnico de (in)formação, ele não deve ser rígido e inflexível.

Muitos dos processos escritos aqui foram aprendidos, apreendidos e desenvolvidos no campo empírico. Em alguns momentos, os (des)caminhos foram (res)significados no diálogo com outros pesquisadores. Nestes diálogos, fomos percebendo que o planejamento e roteiro de pesquisa precisam ser flexibilizados sem deixar de lado os compromissos éticos e o rigor científico (GALLEFI, 2009). Pesquisar é um ato que envolve a investigação, a reflexão e a criatividade.

Esses foram os mais significativos aspectos que as (entre)linhas do diário de campo revelaram. As informações escritas e descritas em cada linha e nos espaços das (entre)linhas possibilitavam a circularidade entre os campos empírico e teórico da/na pesquisa.

Nessa perspectiva (e em outras também), o diário de campo constituiu-se como lugar de informação da pesquisa e de formação para o sujeito pesquisador.

¹³ Mais de 90% dos professores e professoras se deslocam diariamente do território urbano para o território rural, no transporte disponibilizado pela Secretaria Municipal de Educação de Feira de Santana – recurso do FUNDEB-MEC (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica). Este movimento é realizado do centro da cidade para cada distrito rural (08 distritos); as distâncias são variadas.

Cabe destacar que este foi também um dispositivo de formação no campo das relações entre a(s) cultura(s) como “artifício(s)” estruturante(s) e fundante(s) da/na vida dos sujeitos sociais.

LINES OF A SEARCH: *Field logbook as the information device in the autobiographical approach*

Abstract: This work is a cut that integrates a survey in a rural-maroon community in the Black Matinha district in the city of Santana-Ba Fair. The research is linked to the Research Group (Auto) biography, Training and Oral History (GRAFHO) of the Post-Graduate Education and Contemporary University of Bahia (PPGEduC / UNEB). In the survey, the school was / is thought of as space consisting of social subjects that bring in their life stories the various traits of the history and culture (s) of your place. Therefore, you need to (re) think as the school's daily practices, dealing with cultural diversity, which thrives in this environment institutionalized or rather: What and how cultures meet and are (re) produced in this space? How are (re) constructed the phenomena of (s) culture (s) of that space in the school routine as identity mechanism of social subjects? The central objective of the research was the analysis and understanding of the ways in which (s) culture (s) of a rural-maroon community are (re) constructed in the school daily practices. The outline presented here, thematizes questions about the use of the field diary as a (in) training in research device (auto) biographical, through the narratives of employees. The field diary is configured as a recording device of daily temporalities experienced in research, to enhance the understanding of the movements of / in research and the various crops grown in everyday community and school studied.

Keywords: Field diary; Search (Auto) biography; Narratives

Referências

ARAÚJO, Laura Filomena Santos de; DOLINA, Janderléia Valéria; PETEAN, Elen; MUSQUIM, Cleiciene dos Anjos; BELLATO, Roseney; LUCIETTO, Grasielle Cristina. Diário de pesquisa e suas potencialidades na pesquisa qualitativa em saúde. *Revista Brasileira Pesquisa Saúde*, Vitória, Espírito Santo, p. 53-61, jul./set. 2013.

BERTAUX, Daniel. *Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos*. Tradução Zuleide Alves Cardoso Cavalcante, Denise Maria G. Lavallé. Natal, RN: EDUFRN, São Paulo. Paulus, 2010.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari, K. *Investigação qualitativa em educação*. Tradução Maria J. Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo M. Baptista. Porto, Portugal: Porto Editora, LDA, 1994.

BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Arte de fazer*. 18 ed. Tradução de Efrhaim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

DEMO, Pedro. *Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos*. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

FERNANDES, Luís. Um diário de campo nos territórios psicotrópicos: facetas da escrita etnográfica. In: CARIA, Telmo H. (Org.). *Experiência etnográfica em ciências sociais*. Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 2002.

GALEFFI, Dante. O rigor nas pesquisas: uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar. In: MACEDO, Roberto Sidnei (Org.). *Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciência humana*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 13-74.

GATTI, Bernardete.; ANDRÉ, Marli. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação no Brasil. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicole (Orgs.). *Metodologia da pesquisa qualitativa em educação*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 29-38.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HABERMAS, J. *Pensamento pós-metafísico*. Estudos filosóficos. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

MACEDO, Roberto Sidnei. *Etnopesquisa crítica/etnopesquisa-formação*. Brasília: LiberLivro 2010.

MELO NETO, João Cabral de. Poemas. In: MACHADO, Luiz Raul. *Novas Seletas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

ZACCARELLI, Laura Menegon; GODOY, Arilda Schmidt. Perspectivas do uso de diários nas pesquisas em organizações. In: *SciELO - Cad. EBAPE.BR*, v. 8, n. 3, Rio de

Janeiro, sept. 2010. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512010000300011. Acesso em 30 de junho de 2014.